



NA TELA

A aprendizagem acontece no movimento fluido, constante e intenso entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada pessoa consigo mesma. A comunicação pessoal e a grupal são componentes interligados e inseparáveis no processo de aprender continuamente, mais profundamente num mundo cada vez mais complexo e imprevisível.

A sociedade é cada vez mais dinâmica e as interconexões também. Tudo está interligado, aprendemos continuamente uns com os outros, juntos fisicamente ou conectados com os diferentes grupos que nos relacionamos. A aprendizagem contínua, ao longo da vida e em múltiplos grupos e redes – físicas e digitais – é uma das características marcantes da atualidade. As múltiplas formas de colaboração, hoje, entre pessoas próximas e conectadas com dispositivos móveis, possibilita a aceleração da aprendizagem individual, grupal e social, pelas múltiplas articulações, interligações, desdobramentos, em todos os campos, atividades e situações em que nos envolvemos, discutimos, atuamos e compartilhamos. O compartilhamento gera aprendizagens e produtos muito mais rápidos, baratos e inovadores do que até agora.

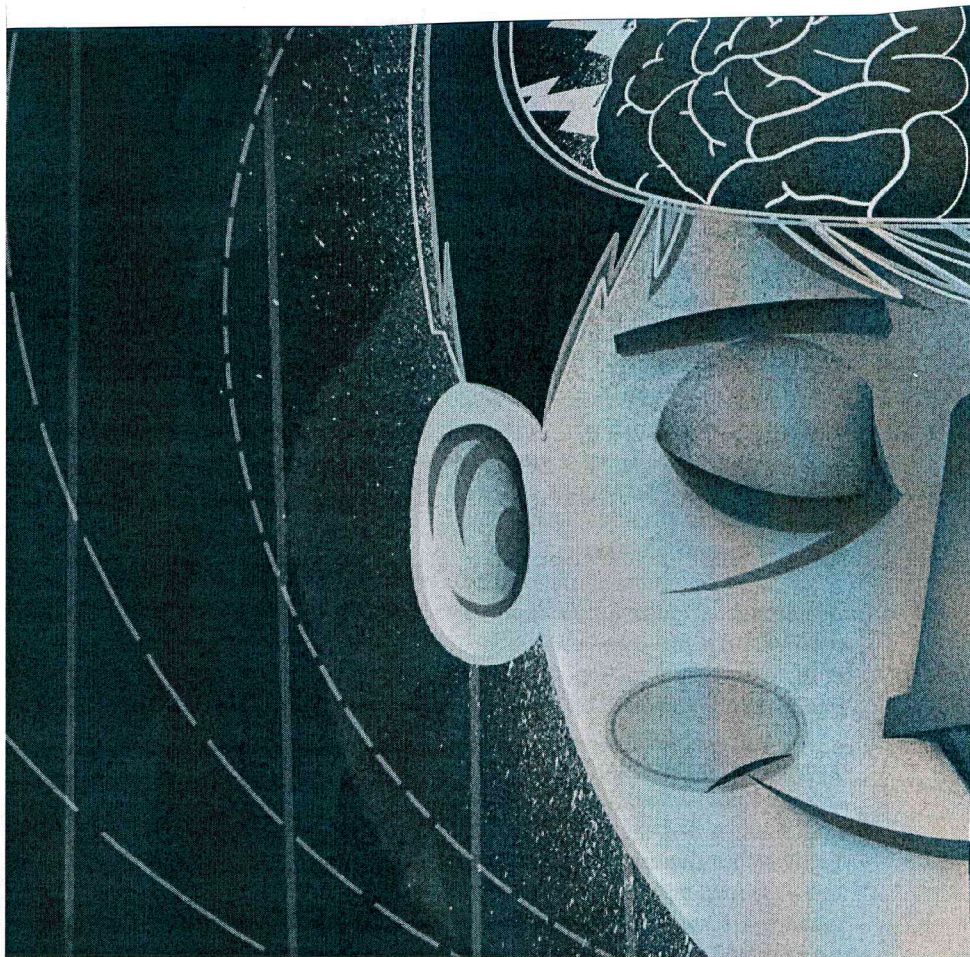
É na síntese dinâmica da aprendizagem personalizada e colaborativa que desenvolvemos todo o nosso potencial como pessoas e como grupos sociais, ao nos enriquecer mutuamente com as inúmeras interfaces do diálogo dentro de cada um, alimentando e alimentados pelos diálogos com os diversos grupos nos quais participamos, com a intensa troca de ideias, sentimentos e competências em múltiplos desafios que a vida nos oferece.

APRENDENDO PELA COMUNICAÇÃO PESSOAL

A comunicação pessoal – o diálogo com todas as instâncias que compõem e definem o indivíduo – é fundamental para o aprendizado e o desenvolvimento em todos os campos. Ela se expressa na motivação. Se eu não estou motivado, não aprendo, mesmo que haja imensos estímulos ao meu lado. Se estou motivado, consigo avançar em alguns

Autonomia e Colaboração.

Em um mundo digital.



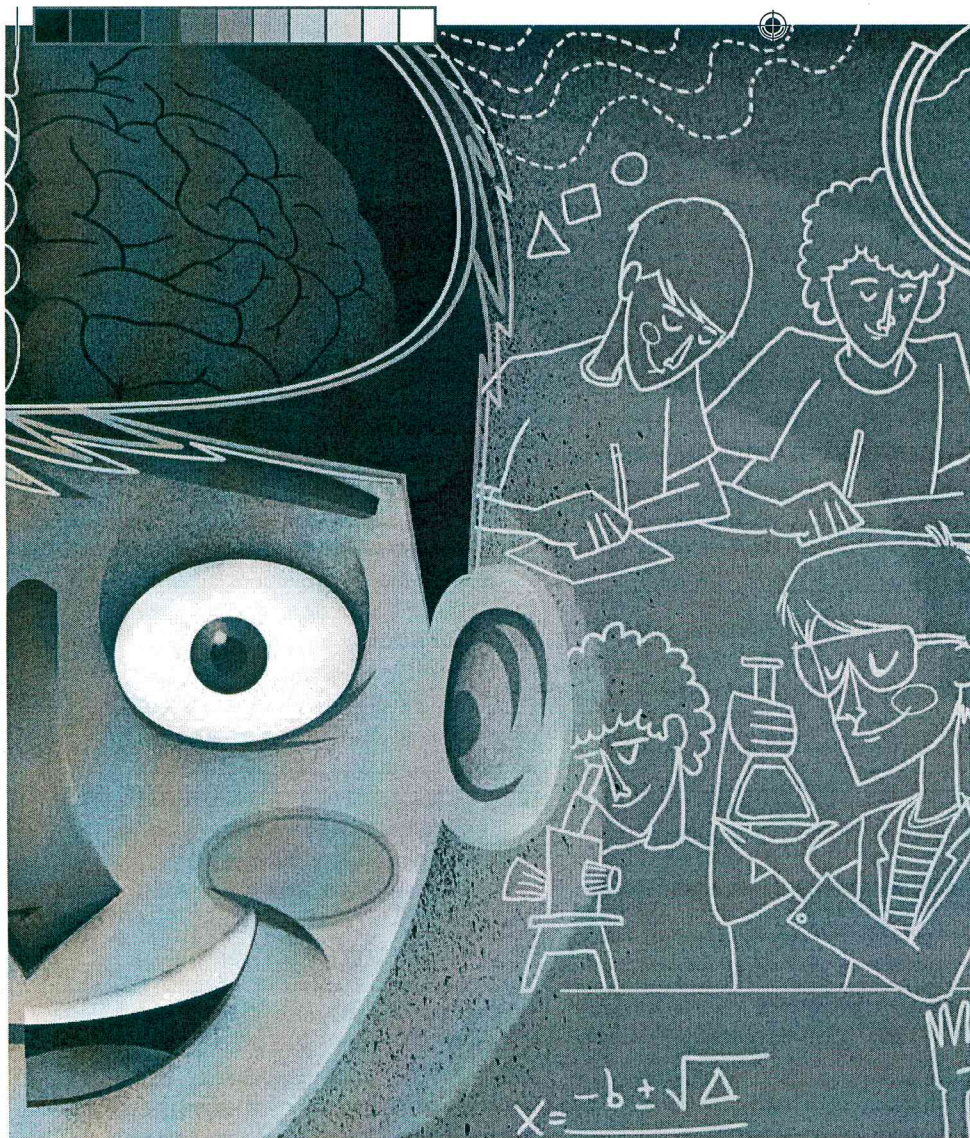
UM BOM PROJETO PEDAGÓGICO PREVÊ O EQUILÍBRIO ENTRE TEMPOS DE APRENDIZAGEM PESSOAL E TEMPOS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA.

momentos sozinho e, em outros, com as diversas pessoas e grupos com os quais me relaciono presencial e virtualmente.

A comunicação aberta e o diálogo intrapessoal nos ajudam a aprender a tornar mais visíveis nossos projetos de vida, sonhos, perspectivas, escolhas, caminhos e desvios no meio de tantas incertezas. Num diálogo constante com o mosaico de tudo o que conseguimos sobre o nosso percurso passado, vai se tornando visível como construímos um sentido para nossas diferentes histórias; como elaboramos nossa grande narrativa – que explicita as tensões entre os sonhos e as realizações – os roteiros que nos definem como pessoas diferentes, alimentados por sonhos, mágoas, sucessos e fracassos em todos os campos pelos quais transitamos.

A comunicação pessoal mais profunda amplia os horizontes do conhecimento, da percepção, a capacidade de avaliação do que nos ajuda e complica,





do que faz sentido e do que precisamos deixar de lado, planejando as mudanças necessárias em cada momento. O diálogo pessoal constante e atento mantém os canais abertos para a intuição, para uma percepção mais ampla e acurada, para mapear melhor o que pode ajudar-nos e enriquecer-nos como pessoas, para iluminar sentidos obscuros, rever crenças inadequadas, superadas, simplistas e poder descartá-las. Aprender a relacionar melhor, a aprofundar as informações relevantes, a tecer costuras mais complexas, a navegar entre as muitas ondas que atravessamos.

A comunicação dentro de cada um de nós precisa da combinação de saber navegar, surfar entre os múltiplos grupos que têm a ver com nossos desejos, expectativas, valores e também saber focar, parar, concentrar-nos, aprofundar, meditar, fazer sínteses provisórias. Num mundo tão agitado, de múltiplas linguagens, telas e efervescência, aprender a

refletir e focar é decisivo para ter maior riqueza interior, profundidade de visão e comunicação criadora.

APRENDENDO PELA COLABORAÇÃO

Através do diálogo íntimo e pessoal, antecipamos expectativas, comparamos conhecimentos prévios, planejamos o que nos interessa: a colaboração com pessoas relevantes e a escolha de caminhos iniciais e de projetos que parecem mais viáveis e promissores para aprender com outras pessoas – entre tantos possíveis. A partir desse planejamento pessoal, nas diversas formas de colaboração, acontecem múltiplas trocas, intercâmbios e situações inesperadas, que exigem rapidez, flexibilidade de adaptação entre o previsto e o acontecido, que ampliam a profundidade e a riqueza das aprendizagens.

A interação com pessoas que querem compartilhar o que sabem com os

demais amplia as possibilidades de encontrar soluções inovadoras, de viabilizar projetos mais rapidamente. Os movimentos de *crowdsourcing* – modelos abertos de produção e resolução de problemas on-line – são a expressão mais visível da riqueza de projetos que se tornam viáveis, concretos, pela colaboração. O *crowdsourcing* bem planejado e executado agiliza a geração de ideias novas, reduz o tempo de investigação, com custos muito inferiores aos convencionais, porque combina diferentes expertises e competências através do compartilhamento em rede.

Muitas pessoas partilham conhecimentos e recursos, o que lhes permite criar uma vasta gama de bens e serviços que qualquer um pode usar e modificar. Os movimentos de aprendizagem com recursos abertos, de utilização de ambientes digitais compartilhados, estão sendo comprovados com múltiplas iniciativas concretas – como a Wikipedia, Cursos Massivos On-line (Moocs) – que, quanto mais colaboramos, mais aprendemos e mais soluções criamos para a sociedade. Aplicativos como o Waze mostram a importância do compartilhamento das informações on-line para a atualização do trânsito, o que reorienta as escolhas dos roteiros de viagem individuais e também os da cidade como um todo, modificados dinamicamente pelo compartilhamento.

A aprendizagem acontece num ambiente social cada vez mais complexo, dinâmico e imprevisível. A colaboração nos ajuda a desenvolver nossas competências, mas também pode provocar muitas tensões, desencontros, ruídos e decepções. A colaboração na aprendizagem se realiza em um espaço fluido de acolhimento e de rejeição, que nos induz a repensar as estratégias traçadas previamente, dada a diversidade, riqueza e complexidade de conviver em uma sociedade multicultural em rápida transformação.

A colaboração provoca uma contínua readequação das expectativas e intencionalidades, a partir das trocas, contribuições de cada um, que nos servem de espelho para enxergar-nos e, ao »

» mesmo tempo, nos desafiam a ampliar nossa visão, ideias, sentimentos e valores. Por isso, é fundamental conseguir realizar sínteses pessoais momentâneas, para não nos perder na agitação de uma interação superficial, arrastados por modas e aparências ocas, por consumismos dependentes ou por entretenimentos vazios.

A rapidez com que interagimos nos ajuda e nos complica. Nos ajuda a nos situar, a nos atualizar, a circular digitalmente, a visibilizar-nos; mas também pode nos manter em ondas superficiais, de um narcisismo doentio. Muitas das colaborações nas redes sociais hoje buscam manter vínculos com grupos que reforçam uma visão comum e limitada, que alimentam nossos preconceitos, que dão vazão a maniqueísmos simplistas.

Há muita colaboração por meio de “curtidas” e apoios e de muito reforço mútuo para desacreditar – às vezes agressivamente – pontos de vista diferentes, ideologias contrárias, sem sequer ouvir, ler, comparar e fazer uma avaliação cuidadosa. Predomina a embriaguez do teclar, a busca pelo exótico, pelos vídeos mais bizarros, por ser aprovado pelos demais em detrimento de uma aprendizagem mais rica, abrangente e profunda. Acontece frequentemente nas redes sociais, como o Facebook ou Twitter, uma colaboração tão dinâmica quanto superficial, em que se “retuítam” imagens e textos tolos, sem tempo para uma avaliação prévia, sem medir os preconceitos arraigados, as agressões diretas ou indiretas e os danos que podem causar.

De um lado, pela colaboração aberta, vamos ampliando o conhecimento e a inteligência social: a sociedade aprende mais quanto mais as pessoas colaboram, intercambiam, trocam, reelaboram – mas, por outro lado, pela personalização, cada um consegue desenvolver trilhas mais adaptadas ao seu perfil, expectativas e possibilidades reais.

A riqueza do contato com pessoas com habilidades diferentes nos permite aprender muito além de onde chegaríamos sozinhos. Mas para a sua consolidação, depois dessa interação

mais social, precisamos fazer uma avaliação mais pessoal, um processo de decantação, de reavaliação de tudo o que no social tem a ver conosco, o que acrescenta à nossa síntese anterior. Com esse movimento entre o grupal e a reflexão pessoal, conseguimos avançar mais: refletimos, comparamos, sintetizamos, escrevemos sobre, contamos o que aprendemos, publicamos nossa visão modificada e a compartilhamos com os demais. O compartilhamento favorece a retroalimentação, a devolução de perspectivas externas que acrescentam visões que, sozinhos, não conseguiríamos perceber, ampliando nossa síntese ou questionando-a.

APRENDIZAGEM COLABORATIVA NUM MUNDO DIGITAL

A educação é um processo rico, constante e profundo de intercomunicação entre todos os participantes – alunos, professores, gestores, famílias e os diversos entornos. Mesmo com tecnologias digitais, continua sendo importante a comunicação afetiva e intensa entre pessoas incompletas, mas motivadas para evoluir, completar-se, apoiar-se, superar-se, libertar-se. A comunicação entre professores e alunos nos coloca frente a frente com narrativas diferentes, com muitas histórias de vida, com várias metáforas de visualizar e representar o mundo. Essas histórias pessoais compartilhadas nos ajudam a iluminar nossa trajetória, dificuldades e sonhos. O clima de acolhimento, confiança, incentivo e colaboração é decisivo para uma aprendizagem significativa e transformadora.

O professor é um comunicador, curador de conteúdos, um mediador entre pessoas diferentes, que ajuda para que todos consigam desenvolver as competências e conhecimentos esperados, no ritmo e da forma mais adequada para cada um. A comunicação hoje é bidirecional e multidirecional: o professor fala com todos, todos falam com ele e cada aluno pode falar com o outro. É uma comunicação múltipla, diversificada, flexível, muito rica e cheia de surpre-

sas, porque cada interação modifica a resposta seguinte, trazendo uma nova contribuição. A novidade da comunicação é que cada vez ela é mais misturada, *blended*, parte em um mesmo espaço físico e parte em ambiente virtual. Há comunicações que se fazem frente a frente fisicamente e outras frente a frente virtualmente; umas em tempo real (físico ou virtual) e outras em tempos diferenciados (off-line).

A web e as tecnologias móveis nos permitem estar juntos em qualquer lugar e a qualquer hora, para aprendermos de múltiplas formas. O papel do professor é mais amplo do que antes, se posicionando em ajudar o aluno a encontrar sentido entre tantas informações, avaliar as mais relevantes e estabelecer vínculos para uma comunicação rica entre todos. O professor é também um orientador de grupos que interagem vivamente a partir de atividades, de desafios em grupos e orientador de alunos que aprendem individualmente, em ritmos diferentes.

O mundo digital é muito rico em informações, materiais, atividades dispo-



APRENDEMOS COM OS DEMAIS E APRENDEMOS SOZINHOS. FOCAR MAIS UM OU OUTRO LADO DIFICULTA A VISÃO DO TODO, DA RIQUEZA DAS POSSIBILIDADES.



níveis para acesso de qualquer lugar. Isso é muito positivo e atraente, principalmente para os que moram longe das grandes cidades, mas traz uma facilidade de dispersão para todos, crianças e adultos. É muito difícil concentrar-se, focar-se num tema específico por muito tempo. O acesso contínuo a redes sociais traz informações interessantes, mas tende a nos desviar do objetivo inicial de um trabalho ou projeto, se não estivermos muito atentos. Nunca tivemos tantas possibilidades de informação e comunicação. Basta observar como muitas pessoas com um celular na mão trocam mensagens com terceiros, mesmo em espaços de convivência social. A educação hoje precisa equilibrar o contato físico e o virtual, as atividades lúdicas com as mais estruturadas, as atividades mais exploratórias com as mais focadas, concentradas, a colaboração e a individualização.

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso, a educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um.

O digital facilita e amplia os grupos e comunidades de práticas, de saberes, de coautores. O aluno pode ser também produtor de informação, coautor com seus colegas e professores, reelaborando materiais em grupo, contando histórias (*storytelling*), debatendo ideias num fórum, divulgando seus resultados num ambiente de webconferência, num blog ou página web.

Essa mescla entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para

abrir a escola para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola. Uma outra mescla, ou *blended*, é a de prever processos de comunicação mais planejados, organizados e formais com outros mais abertos, como os que acontecem nas redes sociais, onde há uma linguagem mais familiar, uma espontaneidade maior, uma fluência constante de imagens, ideias e vídeos.

As tecnologias web 2.0, gratuitas, facilitam a aprendizagem colaborativa entre colegas próximos e distantes. Cada vez se adquire mais importância a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente. Fora da escola acontece o mesmo: a comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. Cada vez mais a educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizadas.

A comunicação por meio da colaboração se complementa com a comunicação um a um, com a personalização, através do diálogo do professor com cada aluno e seu projeto, com a orientação e acompanhamento do seu ritmo. Podemos oferecer sequências didáticas mais personalizadas, monitorando-as, avaliando-as em tempo real, com o apoio de plataformas adaptativas, o que não era possível na educação mais massiva ou convencional. Com isso, o professor conversa, orienta seus alunos de uma forma mais direta, no momento que precisam e da forma mais conveniente.

PARA CONCLUIR

Na educação formal, há projetos pedagógicos que dão mais ênfase à aprendizagem colaborativa, enquanto outros abordam a aprendizagem individualizada. Ambos são importantes e precisam ser integrados para dar conta da complexidade de se aprender na nossa sociedade, cada vez mais dinâmica e incerta. Um bom projeto pedagógico prevê o equilíbrio entre tempos de aprendizagem pessoal e tempos

de aprendizagem colaborativa. Aprendemos com os demais e aprendemos sozinhos. Focar mais um ou outro lado dificulta a visão do todo, da riqueza de possibilidades. Sozinhos vamos até um certo ponto; juntos, também. Essa interconexão entre a aprendizagem pessoal e a colaborativa, num movimento contínuo e ritmado, nos ajuda a avançar muito além do que o faríamos sozinhos ou só em grupo. Os projetos pedagógicos inovadores conciliam, na organização curricular, espaços, tempos e projetos que equilibram a comunicação pessoal e a colaborativa, presencial e on-line.

Num mundo de tantas informações, oportunidades e caminhos, a qualidade da docência se manifesta na combinação do trabalho em grupo com a personalização, no incentivo à colaboração entre todos e, ao mesmo tempo, a que cada um possa personalizar seu percurso. O professor se torna cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora. ✕

José Moran é pesquisador e orientador de projetos educacionais inovadores com metodologias ativas em cursos presenciais e on-line.

PARA SABER MAIS

- Textos sobre comunicação e educação do Prof. Moran encontram-se no livro *Desafios na comunicação pessoal*. São Paulo: Paulinas; no livro *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*, Papirus; e em textos complementares na página pessoal da USP: www2.eca.usp.br/moran, principalmente no tópico Desafios pessoais: www2.eca.usp.br/moran/?page_id=12
- Textos de Marcos Silva e outros autores sobre Interatividade na sala de aula. www.saladeaulainterativa.pro.br/textos.htm